



Universidade de Brasília – Departamento de História

Antiguidade em tempo ou Eudoro de Sousa e a História

Renata Carvalho Barreto

Brasília, março de 2013

RENATA CARVALHO BARRETO

“Antiguidade em tempo ou Eudoro de Sousa e a História”

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Nogueira Guimarães

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel Faria

Prof. Dr. André Leme

Defesa oral: 12/03/2013

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Brasília
2013

Resumo: Este trabalho analisa o ensaio *Dioniso em Creta*, do filósofo luso-brasileiro Eudoro de Sousa, publicado em 1973, do situando-o no pensamento do século XX a respeito dos estudos sobre a religião grega antiga. Privilegia o entendimento dos métodos utilizados pelo autor para a elaboração de sua análise histórica. Expõe concepções naturalizadas do dionisismo, provenientes de obras de autores dos séculos XIX e XX. Investiga em que medida os usos e entendimentos dos costumes e gêneros discursivos antigos têm impacto sobre a historiografia contemporânea. Paralelamente, procura apresentar alguns conceitos expostos em *Mitologia II: História e Mito*, do mesmo Eudoro de Sousa, publicado em 1988, que servem de apoio para a análise de *Dioniso em Creta*.

SUMÁRIO

Preâmbulo	1
Introdução	3
Dionisismo	4
Dioniso em Creta	7
Prova e narrativa	12
O objeto da investigação histórica e o mito pré-helênico	15
Fontes e bibliografia	19

Preâmbulo

Existe vasta bibliografia sobre a obra de Eudoro de Sousa. Alguns filósofos portugueses contemporâneos têm se dedicado a estudar seus conceitos, reconhecendo em seus escritos algo de extraordinário. No decorrer do século XX, considerações importantes foram feitas à respeito de seu lugar de fala, como português, europeu. Porém, esse esforço de além-mar não pôde, ainda, mensurar seu legado em terras brasileiras. Escreve Fernando Bastos em sua tese de doutorado:

não obstante já ser Eudoro de Sousa um filósofo e helenista reconhecido quando deixa Portugal em 1953, sua atividade intelectual (dispersa em jornais e revistas) praticamente nada representa quando comparada com a sua imensa contribuição desenvolvida em círculos culturais brasileiros. É, sim, à cultura brasileira que será efetuado o grande legado intelectual deste insigne português: deste pensador luso-brasileiro.¹

Pouco, ou nada, se fala sobre uma tradição filosófica brasileira. A biblioteca que Eudoro de Sousa construiu ao longo de sua vida se transformou na parte mais importante do acervo de obras raras sobre a Antiguidade da biblioteca da Universidade de Brasília. Ele foi um dos maiores entusiastas dos Estudos Clássicos no Brasil.

Ao chegar no país, em 1953, o helenista exerceu atividades docentes na Universidade de São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica/SP e na Faculdade de Filosofia de Campinas. Sua passagem pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, ainda em São Paulo, marca o início de um diálogo com intelectuais brasileiros, particularmente com Vicente Ferreira da Silva. Em 1955, Sousa muda-se para Santa Catarina, onde funda a Faculdade de Filosofia desse Estado. Finalmente, ainda na década de 1960, estabelece-se em Brasília. Escreve o professor José Otávio Guimarães:

Em 1962, por indicação de Agostinho Silva, que já o havia levado para a ilha de Florianópolis, mas que, desde 1960, colaborava com Darcy Ribeiro na criação da nova universidade da capital federal, Eudoro de Sousa é convidado a fazer parte da recém criada Fundação Universidade de Brasília. Já em seu primeiro ano de Planalto Central, 1962, Eudoro

¹ BASTOS, Fernando J. M. *Eudoro de Souza e a Complementariedade do Horizonte (Sobre uma antropologia ontológica)*. Rio de Janeiro: UGF, 1990. p.4.

idealiza, cria e começa a conduzir o *Centro de Estudos Clássicos* (CEC). Em apenas 7 anos, consegue montar uma impressionante biblioteca, um dois mais expressivos acervos, pelo menos até finais dos anos 1970 e em âmbito latino-americano, relativo ao estudo do mundo antigo ocidental. Passam a funcionar ali um mestrado e um doutorado em Estudos Clássicos: dissertações e teses são defendidas. Uma geração de helenistas e latinistas brasileiros é formada na moderna Brasília dos anos 1960: sem ser exaustivo, lembro dos nomes de Jair Gramacho, José Xavier de Mello Carneiro, João Ferreira, João Evangelista, Fernando Bastos, Dinah Fernandes Brognoli, Emanuel Araújo, Ordep José Trindade Serra, Antonio Telmo Carvalho Vitorion e Suetônio Valença. O Centro se extingue em 1969, por conta de reforma universitária conduzida pelo regime militar, que passou a impedir o funcionamento das chamadas unidades complementares, tornando o departamento a célula principal da vida acadêmica. O grupo de classicistas se dispersará, não só pelas unidades departamentais no interior da Universidade de Brasília, mas, em seguida, por todo o país.²

A relevância de se estudar a cultura Clássica no Brasil não é óbvia e deveria ser uma inquietação pertinente dos helenistas brasileiros. Nesse campo, a discussão em torno dos usos do anacronismo em trabalhos historiográficos mostra-se particularmente frutífera. O caso Eudoro de Sousa oferece exemplos suficientes para se analisar o panorama dos estudos Clássicos no Brasil, seja por sua bagagem erudita englobar disciplinas tão diversas como a Arqueologia e a Lógica, seja por o autor assumir postura clara em relação aos problemas do anacronismo.

A construção de um discurso lusófono em torno da origem e constituição dos povos ocidentais, dotado de originalidade, é um acontecimento que deve ser investigado à luz do panorama mundial dos Estudos Clássicos. Os historiadores da Antiguidade Clássica que viveram e se formaram em países espacialmente longínquos do continente europeu não se deparam apenas com uma questão topológica, mas devem enfrentar o problema do anacronismo. Tal problema pode ser encarado com a ajuda de Sousa. À cultura antiga é preciso aplicar conceitos e ideias que não fazem parte das elaborações dos próprios antigos. Conceitos contemporâneos devem ser usados para compreender a Antiguidade. A prática controlada de anacronismos, a nosso ver, aumenta as possibilidades de campo da História Antiga. Em *Dioniso em Creta* enxerga-se a aplicação dessa metodologia de maneira sistemática

² GUIMARÃES, J. O. Entre-lugar e lugar-nenhum: Eudoro de Sousa, de Portugal à Brasília, *Revista Archai*, n. 8, janeiro de 2012, p. 78.

Introdução

Este trabalho pretende expor as principais ideias do ensaio *Dioniso em Creta*,³ publicado em 1974, peça fundamental da reflexão de Eudoro de Sousa a respeito da religião grega antiga, especialmente do *mito pré-helênico*. O ensaio histórico sobre a possível procedência, tanto geográfica quanto simbólica, do deus Dioniso foi elaborado de forma interdisciplinar. Sousa era o que se costuma chamar de um homem “renascentista”, um erudito em várias matérias. Colecionou conhecimentos provenientes de todas as áreas do saber: da Astrofísica à Arqueologia. Em *Dioniso em Creta*, aplica à escrita histórica métodos da Antropologia e da Filologia Clássica.

Da Grécia, que é o privilegiado “lugar” em que historicamente se defrontam, pela primeira vez, a presença do presente e a presença do passado, há uma história tão densa e extensa, que o acontecido, então, houve que reparti-lo pelas suas projeções num sistema de coordenadas, cujos planos funcionais são constituídos por todas as disciplinas que se repartem as nossas ciências humanas e por algumas daquelas que integram o corpo das ciências da natureza. Reencalçando, às avessas, o acelerado caminhar do saber humano acerca do homem e da natureza, quase sempre nossos passos se deterão na Grécia – e isso sucede quanto a qualquer das projeções referidas, nesses planos funcionais que têm o nome de “arte”, “religião”, “política”, “economia” e, em geral, todas ou quase todas as disciplinas que compõe os *curricula* das nossas universidades.⁴

Seu método não fica bem explicitado numa primeira leitura de *Dioniso em Creta*. Sua obra é considerada por muitos de leitura difícil, pois carregada de subjetividade. Sousa trabalha com conceitos originais, como os de *lonjura*, *outrora*, *horizonte* e *mito pré-helênico*. Sua investigação interroga uma Antiguidade mais antiga que a Antiguidade do presente atual. A Grécia pré-helênica, assim, constituiu-se em seu principal objeto de estudo.

³ SOUSA, Eudoro de. *Dioniso em Creta e Outros Ensaio: Estudos de Mitologia e Filosofia da Grécia Antiga*. . São Paulo: Duas Cidades, 1973. p.7-71

⁴ SOUSA, Eudoro de. *Mitologia II: História e Mito*. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p.86-87

Paralelamente à análise do ensaio, procurou-se apreender, por meio dos dois primeiros capítulos e o apêndice de *Mitologia II: História e Mito*⁵, o que Eudoro de Sousa entende por História.

Dionisismo

“Dionisismo” dá nome a um conjunto de práticas religiosas bastante diversas que cobre uma extensa área geográfica, indo das estepes da Ásia ao norte da África, da península itálica às margens do Mar Negro. Os rituais dionisiacos foram reelaborados e dispersaram-se, de diversos modos e sob diferentes nomes, por toda região mediterrânea oriental, alcançando temporalmente o fim do Império Romano. Na Grécia do século VIII a.C. ganha espaço em meio à aguda crise social e a ascensão da tirania, em estreita relação com as disputas por soberania entre aristocratas e tiranos.

Em seu livro *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da Época Clássica*, Dabdab Trabulsi traça o curso do fenômeno dionisiaco desde o segundo milênio a.C. até suas reelaborações no século XX.⁶ Mostra que no período arcaico as tiranias ganharam espaço em regiões diferentes da península balcânica e mar Egeu, como Atenas, Corinto, Sicione e a Ilha de Naxos. Em Atenas, a crise do século VI a.C. vê a ascensão de setores intermediários, formados por hoplitas, camponeses e comerciantes, num ambiente de tensão social extremada, colocando em jogo os interesses da aristocracia cidadã.

Quais podem ser as relações entre reforma hoplítica e difusão do dionisismo? A mais importante é, sem dúvida, que, apressando a queda dos regimes aristocráticos, a reforma suprimiu um obstáculo ao reconhecimento dos cultos populares, e que os tiranos, buscando alargar as suas bases sociais, favoreceram esses cultos, como veremos. Mas há pelo menos mais um fator importante: é que a reforma hoplítica representa uma promoção para os habitantes do campo.⁷

No início do século VI a.C., Sólon e sua legislação, seu elogio à boa lei, *eunomia*, objetiva harmonizar a tensão (*disnomía*) que, chegando a termo, ameaçaria a

⁵ SOUSA, 1995.

⁶ TRABULSI, J.A.D. *Dionisismo, Poder e Sociedade na Grécia até o Fim da Época Clássica*. tradução de José Antonio Dabdab Trabulsi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

⁷ *Id.* p.60

disponibilidade da força de trabalho aldeã que sustentava a existência harmoniosa da *pólis*.

Mas querem destruir a grande urbe, com os seus desvarios, cedendo às riquezas, os próprios cidadãos, e dos chefes do povo o espírito injusto, a quem está destinado sofrer muitas dores pela sua grande insolência. (...) Enriquecem arrastados por ações injustas.⁸

É esta a ferida inevitável que já surge em toda a cidade, que se precipita, veloz, na desgraça da escravidão, que desperta a revolta civil e a guerra adormecida, que perdeu a amável vida de tantos⁹

Sólon critica os excessos dos cidadãos aristocratas e emergentes e, ao mesmo tempo, questiona o comportamento da parcela de não cidadãos que procurava para si um pedaço de terra por associações políticas duvidosas: “E muitos dos indigentes demandam a terra alheia, vendidos e atados com cadeias ignominiosas.”¹⁰

Como um símbolo, Sólon traz até a ágora a palavra como artifício moderador, combatendo a *stasis* e trazendo as ações da aristocracia ao debate público. A escrita, a palavra, o *lógos* vira o bem comum de todos. Essa publicização dos debates em torno de temas sócio-econômicos é acompanhada da publicização de imagens e símbolos sagrados reservados, antes, a *gene* e *basilei*. Suas práticas e rituais secretos são coletivizados, popularizando conhecimentos, valores e técnicas mentais, dando margem a diversos tipos de interpretação do pensamento mágico. A secularização do sagrado transforma o saber secreto esotérico num corpo de verdades divulgadas, traz o mistério para o centro da *pólis* e o transforma em culto oficial. Os talismãs privados migram para o templo e perdem seu valor de símbolo eficaz: tornam-se imagens espetacularizadas. Paradoxalmente, a dessacralização do que antes era sagrado abre caminho para religiões de mistério abertas aos não cidadãos, oferecendo outra relação com o divino. O indivíduo tem a possibilidade da salvação singular, da comunhão mística individualizada. O dionisismo, em sua forma clássica, é incorporado à religião cívica, com festas públicas e templos institucionalizados. Cultos similares, seitas órficas e eleusinas por exemplo, passam a concorrer por espaço. As sabedorias que essas seitas marginais disponibilizam contêm verdades que não podem ser expostas sem uma

⁸ SÓLON (638-558 A.c.), *Eunomia*, 5-11 (Trad.:DIEHL, E.)

⁹ *Id.* 17-20

¹⁰ *Ibid.* 24-25

iniciação. A transformação oferecida se dá no íntimo do homem, dando aos iniciados a possibilidade de se colocar à margem da *philia* cidadã. Todas essas manifestações religiosas podem, de alguma forma, ser relacionadas ao dionisismo do segundo milênio a.C. A religião cívica do século VI/V a.C. demonstra a resistência de um mito veiculado em cerimônias religiosas, obras literárias, artes visuais e saber partilhado, cultura oral.

Assim, para o entendimento da constituição do período clássico, há que se ter ideia clara da força que o dionisismo tem, já no período arcaico, como religião popular, servindo como elemento importante no jogo de poder político. Na Grécia da época clássica, quando já faz parte da vida cotidiana, aparecem com frequência testemunhos das fontes literárias a respeito do estatuto de religião estrangeira que permanece em debate no presente. Dioniso é um deus que tem muitos nomes, assim como muitas faces. O teatro passou a ser o seu reduto.

O Dioniso grego é aquele que permanece como símbolo porque as fontes que o tempo conservou e que a cultura ocidental escolheu reinterpretar são gregas clássicas. Eudoro de Sousa diz que no horizonte do *outrora* em fronteira com o Antigo, os ocidentais de todos os presentes não têm como escapar dos gregos.¹¹ O hiato que se apresenta entre a narrativa de Homero e fatos presentes em seus poemas, a mistura dos dialetos, as continuções e as rupturas entre a *Ilíada* e a *Odisséia*, serão analisados de forma sistemática sob a luz de um paradigma indiciário.¹² A morfologia comparativa é o único método disponível na diligência desses rastros. É importante marcar as continuidades e rupturas de forma comparativa, pois a fragilidade de dados arqueológicos concretos obriga a analogias e inferências conjecturais.

As reinvenções do “modelo grego” na idade moderna e contemporânea tomam Dioniso como força ctônica potentíssima e o êxtase dionisíaco como fundamento de discursos sobre instinto, vontade e desejo. O Romantismo elimina a fratura entre linguagem e humano, voltando à natureza, rompendo com o *lógos* aristotélico, possibilitando o reencantamento do mundo. Eudoro de Sousa é um admirador de Schiller e do Romantismo alemão. O fenômeno do dionisismo reaparece na Academia, no século XIX, estimulado pela polêmica que cercou a publicação de *O Nascimento da Tragédia*, de Friedrich Nietzsche.¹³ O século XX, e o nacional-socialismo alemão,

¹¹ SOUSA, 1995.

¹² ‘Sinais: raízes de um paradigma indiciário’, em *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.143-179

¹³ MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Polêmica Sobre O nascimento da tragédia*. textos de Rohde, Wagner e Willamovitz-Mollendorff; introdução e organização Roberto Machado; tradução do alemão e notas Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

reinterpretou esses discursos filosóficos sobre o dionisismo, generalizando os diversos tipos e momentos do paganismo ocidental, de modo a acomodá-los dentro de seus pressupostos excludentes. Essas reelaborações do dionisismo refletem de maneira exemplar os usos que podem ser feitos de conceitos da Antiguidade.

Dioniso em Creta

Eudoro de Sousa anunciou problemas que ainda são os nossos, tomando a Grécia antiga como seu objeto de estudo preferido.¹⁴ *Dioniso em Creta* publicado no início dos anos 1970, está dividido em onze ensaios que tratam de aplicar a cada esfera da cosmogonia grega quatro teses assim resumidas: a mitologia grega tem fundo “pré-helênico”; o período arcaico presencia uma reformulação dos mitos “pré-helênicos” que gesta o “mito do homem” grego; para entendimento da mitologia grega “enquanto tal” é preciso recuar ao “pré-helênico”; o mito “pré-helênico” se exprime sem mediação da linguagem sendo, portanto, não historiável.¹⁵

Os estudos de religião antiga avançam a passos curtos, pois a cultura material que oferece manancial de referências precisa ser interpretada com apoio na tradição literária, causando dissidências e controvérsias entre os especialistas. *As Bacantes* de Eurípides, única tragédia que trata de Dioniso e que chegou ao presente, é a principal fonte acerca do fenômeno, além de indícios em Heródoto, Aristóteles e comentadores helenistas.¹⁶ Eudoro de Sousa traduziu *As Bacantes* do original grego e escreveu *Dioniso em Creta*, destacando-se nos estudos sobre paganismo entre os lusófonos, posicionando-se de forma consistente e inovadora em relação aos estudos sobre dionisismo no século XX. Além das fontes literárias, Sousa se serve da cultura material do período, principalmente de imagens presentes em paredes de palácios cretenses e achados arqueológicos.

Dioniso em Creta foi escrito no começo da década de 50 do século XX, em meio às mais fecundas descobertas no campo dos estudos acerca do “substrato mediterrâneo”.

¹⁴ SOUSA, 1995.p.83-90

¹⁵ BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Dioniso e a diacosmese da cultura helênica*. Revista Humanidades. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003 (50): p.84-87, 09-2003. Excelente leitura feita pelo professor Jacyntho Lins Brandão em artigo impecável, onde descortina elegantemente os caminhos metodológicos e escolhas teóricas de Sousa, numa síntese que cobre o livro como um todo sem adornos ou titubeios. O professor demonstra a lógica de sua interpretação da mitologia e da religião gregas, e como *Dioniso em Creta* apresenta sua tese em um diálogo direto com a obra filosófica de Sousa.

¹⁶ TRABULSI, 2003.

Por esse motivo, é preciso começar nossa análise com uma observação cuidadosa do *addendum* do ensaio, onde o autor considera detalhadamente as últimas novidades reveladas pela pesquisa arqueológica.¹⁷ Quando escreveu o ensaio *Dioniso em Creta*, Halaf-Apartiach ainda era o sítio anatólio de idade mais recuada.¹⁸

A partir das escavações feitas por John Evans em Cnosso e da “maravilha sem par”¹⁹ de Çatal Huyuk, Sousa reelabora sua narrativa e aponta com entusiasmo novas conexões entre as culturas mediterrâneas, revelando ser um estudioso em busca de uma possibilidade de alargamento das fronteiras da Antiguidade, preocupando-se em tratar de fatos, comprometido com um certo tipo de história verdadeira.²⁰ Porém, o que Sousa chama de “história verdadeira” precisa ser explicitado.

Partindo de uma dura crítica aos métodos disponíveis em sua época para o estudo do dionismo, Eudoro de Sousa estabelece um debate com a tradição alemã. Em seu panorama da situação dos estudos sobre religião “pré-helênica”, alerta para o fato de que seus objetivos vêm sendo perseguidos, sem sucesso, por vários outros autores. A tecitura de um “fio de historicidade que nos conduza através da labiríntica documentação” deixa “sempre” um “ressaibo amargo”²¹. Os testemunhos residuais e a tradição fragmentária trazem à tona uma das principais orientações metodológicas de Sousa: “...a ausência de prova não prova a ausência”²². O helenista português reflete sobre a possibilidade de datação do fato religioso, sobre sua inserção numa cronologia explicativa que poderia ser determinada pela proximidade do que é efetivamente historiável: a tradição física e metafísica, a mitologia grega ou o mito do homem. Pensando acerca da maneira de se escrever história, defende que uma razão discursiva baseada numa cronologia das fontes não capta o fenômeno religioso. A diacosmese grega não se alterou necessariamente desde o calcolítico e um substrato mediterrâneo comum foi constantemente renovado, apresentando variantes do mesmo tema fundamental. Dioniso é introduzido nessa hipótese. A composição historiográfica é feita refletindo-se justamente sobre as lacunas existentes entre as pistas apresentadas pelas

¹⁷ SOUSA, 1973, p.32-40.

¹⁸ Na época da escritura do ensaio, Halaf-Apartichiat ainda era o sítio arqueológico de idade mais recuada. Quando da publicação de *Dioniso em Creta* em 1974, o sítio de Çatal Huyuk (que retrocede até 6.700 a.C.) já havia sido descoberto. Sousa acrescenta, então, um adendo comentando a descoberta)

¹⁹ *Ibid.*, p.33.

²⁰ *Ibid.*, p.8.

²¹ SOUSA, 1973, p.7-8

²² *Ibid.*

tradição literária antiga. Acredita que ao reconstruir realidades, o historiador deve estar constantemente atento à natureza narrativa da prática bem como das fontes.

O autor analisa a cultura material da região mediterrânea, partindo da investigação arqueológica em Creta. Ele destaca quatro elementos que aparecem com mais frequência na arquitetura e em artefatos de cerâmica e metal na ilha do segundo milênio a.C: 1) figuração plástica de cenas cultuais, com predomínio de divindade feminina; 2) estilização do bucrânio; 3) a *lábrys* (machado de dois gumes encontrado em espaços ritualísticos); 4) os *thóloi* ou sepulturas circulares de tamanho avantajado. Sublinha a possível analogia entre culturas egeicas e pré-arianas, partindo ainda do sítio de Halaf-Apartchiat, na bacia do Eufrates, que contém sinais dos quatro elementos. Creta seria, então, o clímax mediterrâneo dessa cultura calcolítica comum. Nesse momento, apresenta o problema do sentido geográfico das influências, se da Ásia em direção à Creta ou ao contrário, para depois, discutir a função do pátio central dos palácios, cuja arquitetura demonstra servir de espaço público, possivelmente lugar de culto e ritual. Em seguida, vai inquirir acerca da pobre documentação acerca de uma divindade masculina e como esse fato poderia ocultar, sob os auspícios da ausência, uma presença.

Antes de fazer a pergunta central do ensaio (qual seria o nome grego do deus-touro de Creta), Sousa invoca o drama ritual que teria a função de renovar a potência divina que dá origem à hierarquia social: a tauromaquia que possivelmente tinha lugar no pátio do palácio. Avançando em sua hipótese, postula que o problema do nome grego do deus-touro é de fácil solução, se partirmos de duas assunções. Primeiro, a localização cretense, em um fragmento de Eurípides²³, do ritual de Zagreu e a observação órfico-pitagórica de que o Zeus cretense e o Dioniso Zagreu são dois aspectos do mesmo *daimon*, ambos de epifania tauromórfica. A tradição literária, em Eurípides²⁴ e Homero, no episódio de Licurgo, que faz do deus um intruso na Grécia é o principal argumento contra sua origem pré-helênica.

Enfim, conclui essa parte dizendo que esses “mitos de resistência”²⁵ ao culto dionisíaco não são nada além do que “um protesto da razão derrotada pelos elementos

²³ SOUSA, 1973. p.17

²⁴ EURÍPIDES (480 a.C.- 406 a.C.). *As Bacantes*. Tradução e introdução Eudoro de Sousa. São Paulo: Hedra, 2010.

²⁵ TRABULSI, 2004.

de bestiality que ordinariamente dormem em cada ser humano”²⁶, assim, não há nada que “obstaria que déssemos o nome de Dioniso ao touro de Creta”²⁷.

Sousa persegue o entendimento do fato religioso a partir do seu originado, mas olhando na direção da origem (lembrando que a origem é um conceito dinâmico).²⁸ Procura o originado na cultura material e na linguística. A origem, sabe que nunca irá alcançá-la, pois mesmo se o fizer, outros problemas irão se impor e, no horizonte, aparecerá outra origem.

Atento às discussões de seu tempo, leva em grande consideração os trabalhos de Martin Nilsson²⁹ e Karl Kerényi. Com relação a Nilsson, observa que sua tese serviu de referência para os estudos de religião pré-helênica. Depois dele, boa parte das pesquisas passaram a se usar da tese da origem pré-homérica da mitologia e da lenda heróica, com o objetivo de abordar a origem pré-helênica dos aspectos míticos e rituais da religião grega.³⁰ Em capítulo posterior³¹, Sousa desenvolve esse postulado, fazendo uma leitura crítica das duas obras mais famosas de Nilsson.³² Demonstra-se que, se o ilustre professor de Lund falhou em delimitar seu conceito de pré-helênico (pois considerava apenas a possibilidade micênica), seu trabalho continuava a nortear as escolhas metodológicas de seus contemporâneos.

O jungiano Kerényi defende que a arte minóica deve ser analisada em seu conjunto, para que se destaque o espírito de ebriedade e loucura característico do simbolismo dionisíaco.³³ Aliada à sentença de Nilsson de que ‘a arqueologia é um livro de imagens sem texto’, a perspectiva de Kerényi serve de ponto de partida para a argumentação do ensaio. A conjectura e a interpretação subjetiva das fontes se revelam fundamentais na tecitura de seu “fio de historicidade”. Outras das inegáveis influências presentes no ensaio *Dioniso em Creta* são: a visão epidêmica do dionisismo, de Erwin Rohde; a crítica a Friedrich Nietzsche de Eric Robertson Dodds³⁴; além do próprio Nietzsche e de Walter Otto, esses dois últimos “fiéis” a uma tradição dionisiaca que eles

²⁶ SOUSA, 1973. p 19

²⁷ *Ibid.*, p.19.

²⁸ *Ibid.*, p.31.

²⁹ *Ibid.*, p..9-10.

³⁰ *Ibid.*, p.10, nota 9

³¹ *Ibid.*, p.123-148.

³² *The Minoan-Mycenaean religion and its survivals in greek religion* (1927) e *The Mycenaean Origin of Greek Mythology* (1932).

³³ SOUSA, 1973.p.19, nota 31

³⁴ DODDS, E.R. *Os gregos e o irracional*. (trad.: Paulo Domenech Oneto). São Paulo: Escuta,1992

mesmos inventaram.³⁵ Sousa fala das “páginas inspiradas” de *O nascimento da tragédia*.³⁶

A respeito de Nietzsche, o ensaio que se analisou carrega mais que sua obra de juventude, dialoga com ele em níveis que este trabalho não ousa pretender perscrutar.³⁷ As questões que se colocam não foram discutidas apenas pelos dois filósofos, mesmo que possamos vê-las formuladas com clareza em ambos. Sousa propõe uma releitura de Nietzsche com relação ao seu conceito de história:³⁸

Um passado não é qualquer passado, um presente não é qualquer presente; o que em verdade se nos oferece é o ‘o passado de um presente’ e o ‘presente de um passado’, e este presente e aquele passado, intimamente conexos, como dois pólos temporais do mesmo ‘fenômeno historiável’. *Posto ‘presente’ em lugar de ‘grande homem’, o aforismo de Nietzsche tem, por conseguinte, outra leitura: este presente, o pólo-presente deste fenômeno histórico, atrai a si, por força retroativa, aquele seu passado oculto, o pólo-passado do mesmo fenômeno (...)*³⁹

Sousa relativiza a posição do alemão em relação à História. Na época de Nietzsche havia uma percepção teleológica e exemplar da experiência histórica, tendência dominante no pensamento ocidental. Porém ao invés do um sentido escatológico medieval, passou-se a adotar um sentido evolutivo, progressista. A filosofia da história; de Hegel, Marx e Comte; ainda se valia de uma razão negativa em sua análise, atribuindo sentidos últimos e direções fatalistas para o curso da história.⁴⁰ Ao usar o aforismo nietzscheano trocando o ‘super-homem’ por ‘presente’, Sousa revela sua formação existencialista, onde o tempo é tratado como uma experiência ontológica.

Adiante, Sousa retoma o pensamento de Nietzsche posicionando a filosofia platônica como ápice do modelo metafísico e o cristianismo como a culminação do platonismo.⁴¹ Pode-se enumerar infinitos pontos de discordância ou concordância entre os dois filósofos, porém, não seria aqui o espaço adequado para se discutir isso. A intenção é perceber como Sousa se coloca em relação aos estudos do dionisismo no

³⁵ TRABULSI, 2004. Introdução, p.9-18.

³⁶ SOUSA, 1973, p. 20.

³⁷ SOUSA, 1995. §10

³⁸ NIETZSCHE, 1983 e SOUSA, 1995, § 9, § 28.

³⁹ *Ibid.* Grifo do autor.

⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patricia Maas, Carlos Almeida Pereira. RJ: Contraponto: Ed.Puc-Rio, 2006.p.305-327.

⁴¹ MACHADO, 2005 e SOUSA, 1973, p.32.

século XX. Para tanto, é indispensável considerar o pensamento nietzscheano à respeito da filologia historicista. Esse ponto de contato vem à tona quando Sousa cita Ulrich von Willamovitz-Moellendorff.

Sousa pondera sobre a recusa de Willamovitz ao método etnológico comparativo na construção de conhecimento, de forma a revelar os caminhos que seu próprio método percorre. Ele o acusa de reacionário, pois não compreende como um estudioso da Antiguidade pode renunciar a técnicas que aumentariam sua capacidade de entendimento de fenômenos, em princípio, intangíveis.⁴² Sousa não procura fórmulas disciplinares totalizantes que se apliquem aos estudos do paganismo antigo; muito pelo contrário, de cada disciplina coleciona elementos que possam ser úteis ao desenvolvimento desses estudos.

Prova e narrativa

Há certo desapontamento em Eudoro, gerado pelas dificuldades e aparente impossibilidade de se escrever a história da religião creto-micênica. A eutanásia do mito pré-helênico e a gradual conformação do mito do homem servem de ponto de apoio à sua análise. O ensaio todo é um embate entre métodos de investigação, entre o etnológico e o filológico, que possibilitem o avanço desse esgarçamento. Aparecem, aí, as disciplinas e suas implicações relacionais. Eudoro critica a filologia historicista e a tendência saussuriana à dicotomização entre oralidade e escrita⁴³. Para ele, não há como escrever História dessa forma. Paralelamente, ao mesmo tempo em que faz o elogio de Frazer e sua tradição,⁴⁴ lembra que o problema do método etnológico é, justamente, permanecer fora da história, só revelando o que a antecede.⁴⁵ ⁴⁶ Apresenta, no entanto, uma solução de inspiração estrutural, recorrendo, em última instância, à Antropologia e à Linguística.⁴⁷ Chega a falar em “formas elementares e homogêneas” e “estruturas decomponíveis”.⁴⁸ Ademais, não faz como Nietzsche, que descarta algumas das contribuições da Filologia Clássica para o entendimento dessa matéria. Obviamente, seu recorte metodológico mostra isso, desde que Nilsson e Kerényi compõem seu arsenal

⁴² SOUSA, 1973, nota 6.

⁴³ SOUSA, 1973, p.8

⁴⁴ *Ibid.* “...O Ramo de Ouro passa, há três quartos de século, pelo mais celebrado monumento à inexaurível fecundidade desta metodologia.”, p.8.

⁴⁵ *Ibid.*, p.9.

⁴⁶ *Ibid.*, p.9.

⁴⁷ *Ibid.*, p.28.

⁴⁸ *Ibid.*, p.26.

argumentativo. Sousa aproxima a Filologia, Antropologia e Arqueologia em sua escrita da História. Assim, fica evidente o direcionamento de Sousa, em *Dioniso em Creta*, para uma maneira transdisciplinar de se trabalhar com a Antiguidade.⁴⁹

Cabe aqui um pequeno desvio para lembrar a crítica que Ginzburg faz ao ceticismo literário; aquele que pensa o elemento construtivo da narração como destruidor do caráter “verdadeiro” da narrativa histórica.⁵⁰ O autor italiano pensa a ideia de narração como oriunda da linguagem de decifração venatória, que seria a raiz do paradigma indiciário. Ao decifrar a parte pelo todo e descobrir o efeito pela causa, Sousa poderia, no ensaio analisado, enquadrar-se no paradigma de Ginzburg.

Esse exercício demanda uma leitura profissional sobre qualquer objeto historicizado. O historiador aplica técnicas específicas para fazer um objeto virar fonte. Lançamo-nos sobre os textos procurando ler o que está implícito: a “revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”.⁵¹ O relativismo levado às beiras da irracionalidade preguiçosa, não considera a dimensão cognitiva que existe em toda narrativa. Por outro lado, a historiografia contemporânea vem se munindo de métodos que se valem de procedimentos argumentativos e conjecturais como prova.

A partir da década de 1960, a relação entre o historiador e suas fontes, a reflexão sobre o ofício propriamente dito passou a se concentrar na questão da escrita da história, sobre o lugar de fala do escritor. O sujeito historiador e suas experiências guiam os limites de suas possíveis perguntas, assim como o contexto em que está inserido. A partir daí, a popularização do paradigma narrativista (que tem seu maior exemplo em Hayden-White) resultou na pretensão de anular a dimensão da pesquisa histórica e romper com sua visada científica.

Essa pequena exposição é importante para situar Eudoro de Sousa em relação aos seus contemporâneos.

Dioniso em Creta é uma obra incompreendida e analisada por poucos, talvez por dialogar com numerosas referências. A imensa bibliografia trabalhada nessa obra torna difícil a identificação do autor com uma corrente teórica precisa.

Fazer história da cultura, ainda mais da Antiguidade, pode parecer nebuloso e inalcançável ao aprendiz de historiador. O receio é justificado. O peso do arcabouço

⁴⁹ CAIRUS, 2008.

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. (Trad.:de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵¹ Marc Bloch, *O ofício de historiador* in GINZBURG, C. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*.(Trad.:de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.10.

intelectual e dos anos de experiência é enorme na manufatura historiográfica. Porém, o longo caminho a ser percorrido oferece surpresas e delícias, ao lado da gravidade e da disciplina. Quando Ginzburg propõe assumirmos “a projeção do desejo sem o qual não há pesquisa” – já que essa projeção não é “incompatível com os desmentidos inflingidos pelo princípio da realidade” –,⁵² além de ensinar que a construção não contradiz a prova, ensina também que a profissão que almeja apreender as relações humanas no tempo atua por meio da curiosidade.. Se as verdades são imaginações que constituem as paredes que limitam nossa ação, não há verdade a ser descoberta.⁵³ O objeto de estudo da história, desse modo, ganha amplitude. Quando operamos, mediante aproximações e distanciamentos, em relação aos antigos, buscamos, sobretudo, nos afastar da ideia naturalizada deles. Procurar captar o sentido da “verdade” para um cidadão grego antigo exige que nos desvencilhemos do modo como essa verdade foi significada por várias gerações de eruditos ao longo dos séculos..

O historiador se envereda por caminhos sem saber o que o espera à frente como numa aventura, uma viagem, experimenta. Ele aplica conceitos e paradigmas, os manipula, entrecruza dimensões, forja temporalidades, decanta pensamentos. Porém, a imaginação de um historiador, no momento em que escreve, deve ser limitada pelas fontes. As conexões e analogias devem ser conscientes e pormenorizadas para, então, assumir os riscos próprios da ação anacrônica inerente ao ofício. Não há, portanto, como ser um historiador sem correr riscos intelectuais.

O objeto da investigação histórica e o mito pré-helênico

Sousa escreve em *Mitologia II: História e Mito*: “quem será tão ingênuo, ou queira parecê-lo, a ponto de julgar que o historiador da Grécia antiga (...) não busca na antiguidade a presença do que lhe é presente”.⁵⁴

A escritura de *Dioniso em Creta* e de *Mitologia II – História e Mito* estão separadas por duas décadas. Ainda assim, o anacronismo é justificado. Em *Dioniso em Creta* consegue-se vislumbrar, por entre as linhas investigativas, traços e vestígios que nos remetem ao volume publicado no fim da década de 1980. Entretanto, a construção que Sousa faz em *Mitologia II* tem um grau maior de complexidade intelectual. O

⁵² ‘Introdução’, em *Relações de força: história, retórica, prova*, (trad.: Jônatas Batista Neto). São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.45

⁵³ VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos em seus mitos*: Lisboa: Edições 70, 1987. p.11.

⁵⁴ SOUSA, 1995, §6, § 9.

volume se dedica à elaboração de uma teoria da história, especificamente da história da Antiguidade, absolutamente original. A escrita de Sousa desconstrói estruturas temporais naturalizadas.

(...) lonjura e outrora não estão sujeitos à mediação do espaço e tempo. Numa perspectiva vulgar e comum, lonjura e outrora assinalam a indeterminação do quanto dista o distante e do quanto se afasta o antigo. Mas esta determinação da lonjura e do outrora, que desponta na indeterminação de espaço e de tempo, não o é verdadeiramente, quer dizer, lonjura e outrora não se mostram como o que são, por residir uma, a uma distância além da maior das distâncias, e outro, num antigo posto além, muito além do que mais antigo nos pareça – entenda-se: além da mais dilatada distância e da mais profunda antiguidade mensuráveis. Lonjura e outrora defrontam-se-nos à beira não da incapacidade provisória, mas da impossibilidade definitiva de fixar-lhes as medidas; precisamente as medidas de espaço e tempo, em que perfeitamente determinadas se nos apresentam a mais distante das distâncias e a mais antiga das antiguidades. Esta desmedida recusa à medida libera a lonjura e o outrora: nunca nos será permitido descortinar a coalescência de que falávamos.⁵⁵

De fato, àqueles que não estão familiarizados com o estilo da escrita de Eudoro de Sousa, esta pode parecer inconciliavelmente contraditória. O ensaio de abertura de *Dioniso em Creta* deixa claro que o que se pretende fazer ali não é escrever história. No entanto, é isso o que se busca. O autor procura alargar a dimensão do espaço-tempo nas ciências humanas. Se lermos *Dioniso em Creta* dialogando com *História e Mito*, visualizamos claramente que, estando nos limites do *outrora*, importante conceito eudoriano, o objeto de investigação de *Dioniso em Creta* estaria além do limite da historiabilidade.

Se digo “outrora”, nego o “agora”, nego esta hora, por força da afirmação de outra. Situo-me fora ou para além de todos os “agoras” que se alinham, para trás e para frente, direto ao passado ou futuro da hora presente. (...) Mas o certo é que “antiguidades” há muitas; tantas há quantos os momentos mais ou menos distanciados do “atual”, atual-atual ou atual-antigo. Porém o outrora é só um: hora que é outra, a hora que não é esta, que esta não é, em qualquer hora que tenha soado, que soe, que venha a soar. E aqui novamente se nos impõe a imagem do

⁵⁵ SOUSA, 1995. §3

horizonte. O outrora seria a indimensionável dimensão do tempo – que já não é tempo – de um além-horizonte.⁵⁶

O autor, então, vai de encontro ao limite do *outrora* para tentar esgarçá-lo, na direção da hora que é outra, do que já não é tempo. Para alcançar seu objetivo, em *Dioniso em Creta*, colhe métodos em todas as áreas do conhecimento. Em seu texto, trata o que convencionalmente se chama de pré-história como objeto passível de investigação histórica, alargando a perspectiva dos espaços de experiência.⁵⁷ O *mito pré-helênico* não é historiável, porém, para Sousa, os limites do que é helênico tomam uma dimensão diferenciada. O Mediterrâneo antigo é todo potencialmente pré-helênico. E a cada nova descoberta arqueológica, a tênue linha entre o que é helênico e pré-helênico pode mudar de posição.

Mas eu posso supor – pois se não provar que assim é, também sei que ninguém provará que assim não seja – que esse homem-sujeito de um mundo-objeto, e esse mundo-objeto de um homem-sujeito, não sejam mais do que sugeridos, mais do que projetos específicos da própria Realidade, sugestões e projetos temporários e contingentes (...) ⁵⁸

Assim, o objeto de estudo da História para Sousa é nada mais que o presente.

O historiador dessa época não pode sair dela, e, perseguindo metodicamente os vestígios da antiguidade, vai ao encontro de uma, já pré-determinada pelo seu presente: um antigo que é só atualidade atenuada do que já atual se fez, na sua atualidade.⁵⁹

E continua:

A história, em qualquer época, desenha os contornos da presença do presente. E esses contornos contornam o seu horizonte. “Horizonte” quer dizer “limitante”. Posso crer que o limite não seja sempre o mesmo, isto é, que, de época para época, a presença do presente se dilate e portanto que o horizonte histórico de hoje circunscreva os horizontes de épocas pretéritas; mas não posso crer que o futuro traga consigo uma época em que já não se ponha um termo à investigação da providência do atual(...) para a presença do presente há um ‘lugar’ de

⁵⁶ SOUSA, 1995. §1

⁵⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patricia Maas, Carlos Almeida Pereira. RJ: Contraponto: Ed.Puc-Rio, 2006. p.305-327

⁵⁸ SOUSA, 1995, §2

⁵⁹ *Ibid.*, §2

exaustão dessa mesma presença, e o horizonte histórico é esse lugar. O horizonte é efetivamente um limitante, porque a presença do presente ficou toda para o lado de cá, sem forças para excedê-lo – exausta daquilo que finalmente se exauriu: a força retroativa da atualidade, atraindo para si a contrapolar antiguidade.⁶⁰

Em seu pensamento, o tempo é uma dimensão tangível. O que é pré-helênico é invisível, é *outrora*. No entanto, a partir de sua analogia com o horizonte, mostra-nos que a linha-limite que separa o visível do invisível só é aparentemente intransponível para quem é ignorante à respeito da circularidade da Terra.⁶¹

Sousa, como não poderia deixar de ser, está imerso no século XX; situado em um momento em que a História é negada, reelaborada, transformando-se em uma disciplina diferente daquela dos séculos anteriores. Além disso, encontra-se em um momento do século XX em que a Física e a Matemática estão sendo revolucionadas: a primeira, com a teoria da relatividade e com a nascente Física quântica; a segunda, com a consolidação de um pensamento não-euclidiano e com as novas teorias topológicas. Ele dialoga intensamente com seus contemporâneos

Aqui nos refugiamos numa das metáforas geométricas que nos são mais caras, por sugestão analógica: um antigo-distante é diferente de outro antigo-distante, como diferentes são as projeções de um sólido (cuja forma não conhecemos) em planos coordenados diferentes. As projeções não são falsas. Só com esta reserva: não posso deduzir de qualquer delas, nem de todas em conjunto, a forma do sólido projetado, se este não tem figura geométrica regular. Posso conjecturar, sem pretensão de acertar.⁶²

Nessa passagem, Sousa fala da possibilidade de apreender o antigo-distante, que ainda não é *outrora*. A analogia geométrica funciona para deixar claro que a História de Eudoro de Sousa se passa numa concepção de tempo diferenciada. Os sólidos que se formam a partir de projeções que partem do atual em direção ao antigo, tomam formas imprevisíveis pois sofrem intersecções de projeções de outras atualidades. No apêndice de *Mitologia II – História e Mito*, intitulado “A Grécia e a História”, Sousa se pergunta sobre o que se pode esperar da História quanto ao conhecimento da Grécia antiga. Ele mesmo responde: “o verdadeiro objeto da questão é o alcance e a validade dos estudos

⁶⁰ SOUSA, 1995.p.85.

⁶¹ SOUSA, Eudoro. *Horizonte e Complementariedade*. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975. §1, §2, §3.

⁶² SOUSA, 1995. §11

históricos, e, por conseguinte, que a pergunta incide sobre a relação entre a Grécia uma vez acontecida, e o acontecer da Grécia, repetidamente descrito pela História”.⁶³

O ensaio “Dioniso em Creta” se deixa ler pela ótica da metodologia e dos conceitos eudorianos desenvolvidos em *Mitologia II*. A aparente impossibilidade de se historicizar a religião pré-helênica serve de motivação para o autor. Em seu esforço de ultrapassar o limite do horizonte na busca do mito pré-helênico, Sousa desenvolve uma teoria da história original, que em muito contribui para o alargamento das possibilidades de se investigar a Antiguidade.

⁶³ SOUSA, 1995.p.83-90

Fontes:

SÓLON (638-558 A.c.), *Eunomia*, 5-11 (Trad.:DIEHL, E.)

SOUSA, Eudoro de. *Dioniso em Creta e Outros Ensaios: Estudos de Mitologia e Filosofia da Grécia Antiga*. . São Paulo: Duas Cidades,1973. p.7-71

SOUSA, Eudoro de. “Lonjura e Outrora”, ‘Epocalidade da História’ e ‘A Grécia e a História’ em *Mitologia II: História e Mito*. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p.5-11 e p.83-90

Bibliografia:

BASTOS, Fernando J. M. *Eudoro de Souza e a Complementariedade do Horizonte*. Rio de Janeiro: UGF, 1990.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Fabrication of Ancient Greece; 1785-1985*; v.1. 10 ed. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2003.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Dioniso e a diacosmese da cultura helênica*. Revista Humanidades. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003 (50): p.84-87, 09-2003.

CAIRUS, Henrique. http://ufrj.academia.edu/HenriqueCairus/Papers/240655/A_Historia_Na_Obra_De_Eudoro_De_Sousa_The_History_In_Eurodo_De_Sousas_Works

DETIENTNE, Marcel. *Dioniso a Céu Aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

DODDS, E.R. *Os gregos e o irracional*. (trad.: Paulo Domenech Oneto). São Paulo: Escuta,1992.

EURÍPIDES (480 a.C.- 406 a.C.). *As Bacantes*. Tradução e introdução Eudoro de Sousa. São Paulo: Hedra, 2010.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- ‘Sinais: raízes de um paradigma indiciário’, em *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.143-179

- ‘Introdução’, em *Relações de força: história, retórica, prova*, (trad.: Jônatas Batista Neto). São Paulo: Cia das Letras, 2002.

- *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. (Trad.:de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRAFTON,Anthony. “Ranke: uma nota de rodapé sobre a história científica/Como o historiador encontrou sua musa: a trilha de Ranke para a nota de rodapé”. In: *As origens*

trágicas da erudição. Pequeno tratado sobre as notas de rodapé (trad.: Enid Dobránszky). Campinas: Papirus, 1998. p.41-84.

GUIMARÃES, J.O. 'Reatualizar a Tradição Clássica', em CHEVITARESE, A.L., CORNELLI, G. & SILVA, M.A. de O. (orgs.). *Tradição Clássica no Brasil*. Apresentação de José Otávio Guimarães. Brasília: Editora Fortium-Archai, 2008, pp.5-13.

- Entre-lugar e lugar-nenhum: Eudoro de Sousa, de Portugal à Brasília, *Revista Archai*, n. 8, janeiro de 2012, p. 78.

HARTOG, François. 'O Retorno de Ulisses', em *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, pp.25-52 e 237-41.
- Os Antigos, o Passado e o Presente. Brasília: EdUnb, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patricia Maas, Carlos Almeida Pereira. RJ: Contraponto: Ed.Puc-Rio, 2006.

LIDDELL, H.G.; SCOTT, R. *Liddell and Scott's Greek-English Lexicon*. (1889). Impression of 1997.

LÓIA, Luís. *O essencial sobre Eudoro de Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2007.

LORAUX, Nicole. *Elogio do anacronismo*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, p.57-70.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Polêmica Sobre O nascimento da tragédia*. textos de Rohde, Wagner e Willamovitz-Mollendorff; introdução e organização Roberto Machado; tradução do alemão e notas Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido. 3ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 'Da utilidade e desvantagem da história para a vida'. P.58-70.

- *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

RICOEUR, Paul. 'História e Tempo' em *A Memória, a História, o Esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUSEN, Jorn. 'Utopia, Alteridade, Kairos – O Futuro do Passado' em *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*; trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: EdUnb, 2010.

SILVA, Vicente Ferreira da. *Obras Completas. Vol.1*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964.

- SOUSA, Eudoro de. *Mitologia II: História e Mito*. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- Horizonte e Complementariedade*. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975.
- TRABULSI, J.A.D. *Dionisismo, Poder e Sociedade na Grécia até o Fim da Época Clássica*. tradução de José Antonio Dabdab Trabulsi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. Tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro-São Paulo: DIFEL, 1992, 7ed.
- ‘O deus da ficção trágica’, J.P. Vernant e P. Vidal-Naquet. *Mito e tragédia na Grécia antiga*, vol.II. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp.19-26.
- ‘O momento histórico da tragédia na Grécia’, em J.P. Vernant e P. Vidal-Naquet. *Mito e tragédia na Grécia antiga*, vol.I. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp.13-18.
- VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos em seus mitos*: Lisboa: Edições 70, 1987.
- *Como se escreve a História; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4ª Ed. Brasília: EdUnb, 2008.

“Eu, Renata Carvalho Barreto, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado Antiguidade em Tempo ou Eudoro de Sousa e a História foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.”